

INDÍOS - BA

IBDF x pataxós

Diffícil imaginar que os índios possam destruir a natureza, sua principal aliada. Mas parece, que o Instituto Brasileiro de Defesa Florestal (IBDF) não pensa assim. Numa semana de muitas denúncias contra a devastação de reservas florestais brasileiras, os pataxós, pacíficos índios do sul da Bahia, foram misturados a predadores mais importantes com os quais nada têm em comum: empresários das indústrias de madeira, celulose ou da agropecuária e cultura da soja.

Contra esses últimos, infinitamente mais danosos para nossa flora, nenhuma medida imediata foi tomada e a fúria do IBDF parecia querer desabar sobre a cabeça de cerca de 350 índios, ameaçados de serem expulsos de sua reserva.

Denúncias — Na realidade, a devastação das florestas e matas brasileiras não constitui novidade, e o problema parecia momentaneamente esquecido até que o presidente do IBDF, Paulo Berutti, depondo ante a Comissão de Vistorização da Amazônia, na Câmara Federal, afirmou que "muitas reservas florestais criadas na Amazônia por ocasião do governo do ex-presidente Jânio Quadros são hoje grandes propriedades rurais, enquanto em outras estão numerosas tribos".

Berutti lembrou que todas as reservas enfrentam sérios e graves problemas, "provocados principalmente pela timidez com que foram enfrentados pelas autoridades responsáveis", mas ressaltou que o IBDF está fiscalizando, "e muito bem", os projetos de reflorestamento feitos com auxílio de incentivos fiscais, mas existe carência de técnicos especializados, "os quais são absorvidos pela iniciativa privada, que paga melhores salários".

Quase imediatamente choveram as denúncias. Em Mato Grosso, lembrava o delegado regional do IBDF, Paulo Benedito Siqueira, mais de um milhão de hectares foram desmatados no norte do estado, nos últimos cinco anos, e várias outras áreas estão sendo destruídas.

E o jornal *O Estado de S. Paulo* completava com uma acusação ao IBDF, afirmando que "embora os 15 milhões destinados à implantação da reserva biológica de Cara-Cara, no Pantanal, já tenham sido liberados, até agora o instituto nem sequer determinou a discriminação da área de 70 mil hectares, onde existem numerosas agropecuárias e pequenos agricultores, que começaram a invadir as terras há três anos. É a reserva de Juruena, com mais de 18 mil quilômetros quadrados, não foi sequer localizada".

Na Bahia, o delegado do IBDF, Renato Aragão, afirma que "dentro de 10 ou 15 anos as florestas naturais daquela área estarão totalmente dizimadas" e atribui a devastação ao "progresso" industrial e empresarial, com implantação do Pólo Madeireiro na região sul que atraiu inúmeras serrarias das cidades capixabas de Linhares e Colatina enquanto a oeste a predação é atribuída à exploração agropecuária.

De passagem por Salvador, o paisagista Roberto Burle Marx lastimou o desaparecimento do mogno e jacarandá, madeiras que praticamente já não existem nas florestas baianas, e afirmou: "A política de reflorestamento não pode estar baseada na necessidade de matéria-prima para a indústria de celulose".

Participando de um congresso em Porto Alegre, o ministro Shigeaki Ueki, das Minas e Energia, condicionou o uso do carvão vegetal na siderurgia aos problemas de reflorestamento. E no Paraná foi denunciada a transformação de extensas reservas do estado em lavouras de soja e café. A única área verde de expressão no oeste do estado — sem contar o Parque Nacional do Iguaçu — a localidade de São Pedro, entre os municípios de Toledo e Santa Helena, está sendo

invadida por grileiros que, atraídos pela "febre da soja" e usando machados e potentes máquinas, estão derrubando milhares de árvores, deixando o solo nu, sem que nenhum policiamento ou fiscalização interfira.

A denúncia menos grave e de conseqüências mais surpreendentes veio da Bahia: acusados de destruírem a reserva onde moram, no Parque Nacional de Monte Pascoal, os índios pataxós estariam, por isso, ameaçados de serem transferidos para a região de Caraiva.

Os pataxós — São mais de 300 índios. Há quem afirme que chegam a 350. Suas palhoças, feitas de sopapo e cobertas de palha, estão dispersas no Parque Nacional de Monte Pascoal, administrado pelo IBDF. Falam um português bastante fluente com acentuado sotaque caipira. Da língua original, o pataxó, somente os mais velhos recordam algumas palavras.

Em todo primeiro contato com o branco mostram-se arredios ou inibidos. Com o tempo, mostram-se curiosos. Qualquer visitante que adquira sua confiança vê-se obrigado a responder a um amontoado de perguntas sobre sua família, grau de parentesco com a mulher e relacionamento com os filhos.

O sentido comunitário é bastante desenvolvido: todo mundo ajuda todo mundo. No trabalho, não existe qualquer tipo de discriminação de sexo: o que o homem faz a mulher faz também. Principalmente no trabalho



de roça de mandioca e piaçava. A principal fonte de subsistência é o mangue, onde catam mariscos, ostras e caranguejos, a base da alimentação.

O dinheiro — Não dão muito valor ao dinheiro e é muito difícil ver-se um pataxó com dinheiro. Com ele compram roupa, sal e sabão. Nada de coisas supérfluas ou sem nenhuma utilidade para a família ou comunidade.

O jogue e a canoa são os meios de transporte. Para ir a Porto Seguro preferem a canoa, mais veloz. Cinco horas levam de sua reserva a Porto Seguro, pelo mar. Agora, com a construção da BR-101, vão também por terra, vender seus produtos: farinha de mandioca, com grande aceitação, esteiras de palha de piaçava, anéis de madeira e coco, gamelas e arcos e flechas, como objetos de decoração.

Não têm qualquer espécie de diversão conhecida pelo civilizado. Não gostam de rádio, poucos sabem ler e quando um funcionário do IBDF levou um grupo para ver televisão, não sentiram qualquer emoção porque, assim como não compreendem o rádio, também não compreenderam a televisão.

Não utilizam, inclusive, um campo de futebol que construíram com muito sacrifício, porque esqueceram o principal: a bola. E como a bola é uma coisa supérflua, não compram. Esperam que alguém lhes dê uma, de presente.

Embora vivendo numa situação de penúria, esforçam-se por ser bons anfitriões: com uma única panela sobre o fogão (com água, sal e caranguejo), sempre procuram ser agradáveis com quem chega, dividindo o alimento. Antes da construção do Parque Nacional de Monte Pascoal, a alimentação era bastante diversificada, comiam peixe e caçavam. Hoje, o IBDF proíbe a caça e a pesca e a dieta ficou bastante reduzida.

A primeira alimentação é ao meio-dia, quando os pataxós retornam do mangue. Cada um vai para o mangue

em busca de alimento para sua família mas, se um chefe não pode ir, os outros índios não se importam de lhe ceder algumas cordas de caranguejos. "O mangue é a nossa salvação", diz Wanda, uma jovem mãe de 16 anos. Ali eles garantem pelo menos um prato, embora, para isso, criem calos e feridas nos dedos.

Cultura — "Jokana, já tem munkussi para fazer manguti?" (Mulher, já tem peixe para comer?) — "Apiba" (Não tem).

Diálogos como este, com inclusão de expressões pataxós, são muito raros. O esquecimento do vocabulário indígena é explicado por Tarinim, atual "capitão" da aldeia, como uma conseqüência da chegada dos brancos. Desde que os índios começaram a ser escravizados, prevaleceu a língua mais poderosa, a dos dominadores, o que veio refletir em toda cultura tribal. Pouco resta dessa cultura e, o que é mais trágico, os índios não assimilaram a cultura do branco. Sua destruturação, como cultura e tribo, é também explicada pelas grandes lutas dos anos 50. O antropólogo Pedro Agostinho da Silva conta, e os índios mais velhos lembram disso muito bem, que em 1951 dezenas de posseiros invadiram a aldeia, colocaram arcos nos pataxós e violentaram as mulheres da tribo. A aldeia foi totalmente destruída e os índios separados. Em 1957, algumas dezenas de índios que sobreviveram retornaram e reconstituíram a antiga aldeia.

O medo — A coragem e persistência dos pataxós convivem com seu medo, desde então. A índia Josefá Ferreira diz que tem medo dos brancos, do fogo, de padres, o que é explicado pelos sucessivos desgastes que sofreram, em contato com outra cultura. Agora, toda a tribo teme a mudança para Caraiva, ao norte de Santa Cruz de Cabrália, onde a terra é ruim e a vegetação não se reconstitui. Temem, sobretudo, ficar longe de sua única fonte de subsistência: o mangue, a sete horas de viagem de canoa, pelo mar.

Um povo medroso, que às vezes se embebeda. Muitos moradores de Porto Seguro, por exemplo, acham que os pataxós são "uma raça de bêbados, pedintes e, acima de tudo, preguiçosos". Em sua defesa se levanta a voz do comerciante Otônio da Silva, 70 anos. Mais conhecido como Vasco (seu time preferido), o comerciante, que os conhece há longo tempo, se revolta com as acusações: "O sol nunca encontra os pataxós dormindo. Se levantam ainda de madrugada para enfrentar o mangue. Vão bem cedo trabalhar".

Transferência — O antropólogo Pedro Agostinho da Silva, da Universidade Federal da Bahia, não acredita em transferência. Diz que conversou com Berutti, que se mostrou compreensivo. "Além disso, não há motivo, pois as terras realmente intocadas ficam para o interior do Parque. Antes de 1957 as terras que circundam a aldeia foram muito usadas e a ecologia racional já foi destruída. Não pelos índios, que voltaram nesse ano, mas pelos posseiros que invadiram a aldeia".

O antropólogo não acredita que os índios sejam predadores e teme sua expulsão: "O mangue, com seus mariscos, é sua única fonte de sobrevivência e a única, a que puderam recorrer quando foram proibidos de fazer roça". A afirmação vem mais uma vez comprovada que os pataxós vivem à mercê da suprema vontade do IBDF que, de vez em quando, os proíbe de caçar, pescar ou plantar suas roças.

Para os pataxós a transferência teria a mesma importância de um exílio. Na aldeia estão enterrados seus mortos e eles não querem ficar longe de seus antepassados.

Pesquisa recente do Departamento de Antropologia da UFB diz que os índios foram comprimidos em Porto Seguro porque as terras eram pouco férteis e pouco atrativas do ponto de vista econômico. Qual seria o significado da transferência agora? Entre as muitas especulações em torno do problema, existe uma que vem tomando força nos grupos que discutem o problema na Bahia: a que se refere à descoberta, ainda não confirmada, de areia monazítica na região. Uma suspeita que só o tempo poderá comprovar. (João Fontenelle)

Opinião

23/05/75